

## **Ao serviço de uma comunidade de escuta e de anúncio**

### **Autoridade e anúncio na Vida Consagrada**

Fátima, 18 de Novembro de 2008  
*Pe. José Ornelas Carvalho*  
(Dehoniano)

#### **INTRODUÇÃO**

Autoridade e obediência são temas que suscitam, na sociedade e na Igreja dos nossos dias, uma ampla discussão e se prestam a grande variedade de interpretações, onde os argumentos racionais e emocionais se cruzam, nem sempre de forma harmónica. A discussão no interior da Igreja e particularmente no seio da Vida Consagrada (VC) é reconhecida na Instrução da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA), recentemente publicada<sup>1</sup> e confirma-se pelo número de encontros e publicações que lhe têm sido dedicados nos últimos tempos. O nosso encontro insere-se, pois nesta onda de reflexão sobre um assunto tão importante para a VC, que se defronta com novas exigências, tanto do ponto de vista da compreensão, no interior das comunidades, como dos condicionalismos externos que a influenciam.

O tema que me foi pedido para desenvolver está claramente ligado à publicação da já referida Instrução, cujo esquema fundamental seguirei na exposição. No entanto, não farei um comentário número a número, pois o texto da CIVCSVA é tão claro, inspirador e útil, que requer uma leitura e reflexão atentas, sem explicações que lhe retirem a atenção que merece.

Apresentar uma reflexão do tema a partir de quatro imagens bíblicas que me parecem especialmente inspiradoras da VC e particularmente do serviço da autoridade e obediência. Na verdade, tendo em atenção a composição da nossa assembleia, deter-me-ei sobretudo no papel e atitudes daqueles que exercem o serviço da autoridade. Mais do que apresentar um estudo sistemático sobre o tema, procurarei partilhar convosco, a partir da minha reflexão e experiência pessoais, alguns aspectos que me parecem particularmente importantes para o bom exercício fraterno da autoridade nas nossas comunidades.

---

<sup>1</sup> Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *O serviço da Autoridade e a Obediência: Faciem tuam, Domine, requiram*, Lisboa, 2008.

## 1. Eis o meu irmão, minha irmã e minha mãe

O primeiro quadro que proponho para a vossa atenção é-nos apresentado pelo evangelista Marcos. Mostra-nos o grupo dos discípulos em redor de Jesus para escutá-lo, quando chega a família para levá-lo de regresso a casa.

*Chegam sua mãe e seus irmãos que, ficando do lado de fora, o mandam chamar. A multidão estava sentada em volta dele, quando lhe disseram: «Estão lá fora a tua mãe e os teus irmãos que te procuram.» Ele respondeu: «Quem são minha mãe e meus irmãos?» E, percorrendo com o olhar os que estavam sentados à sua volta, disse: «Aí estão minha mãe e meus irmãos. Aquele que faz a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe» (Mc 3,31-35).*

### 1.1 A Narração

No Evangelho de Marcos, depois do primeiro anúncio de Jesus, que provoca a adesão das multidões, começam as contestações, sobretudo pela sua liberdade na interpretação da Lei, que põe em causa hábitos e privilégios que beneficiam as classes dirigentes, mas privam de esperança os mais humildes. As autoridades de Jerusalém vêm investigar e tomar medidas. Acusam-no de ser agente de Satanás, pela força do qual expulsa os demónios. A família (o clã) vive preocupada e vem buscá-lo, porque se dizia que ele estava fora de si, e pretende reconduzi-lo ao bom senso da normalidade da vida familiar.

O contexto é de **tensão e de ruptura com a tradição vigente**: A multidão que acompanha Jesus é composta por gente proveniente de todo o Israel, mas também da Síria, da Trans-Jordânia e de outros territórios vizinhos. Tinham abandonado a cidade israelita e dirigiam-se para o mar, numa clara alusão tipológica ao Êxodo, que narra a libertação do Egipto e o nascimento de um novo povo. Estão sentados à volta de Jesus e escutam a sua palavra em clara atitude de discípulos. As autoridades, pelo contrário, acusam Jesus e rejeitam-no de forma liminar, enquanto a família temendo as consequências desta novidade estranha, pretende reconduzi-lo de novo ao seu seio.

O texto **pede duas leituras complementares**: a) A afirmação da liberdade de Jesus em relação à família natural (cultura, etnia, nacionalidade), por motivo da escuta da Palavra e do cumprimento da vontade de Deus. b) A integração do modelo de família na nova comunidade, formada por gente de diversas origens, nacionalidades e tradições.

### 1.2 A nova família ao redor de Jesus

Este episódio que nos apresenta o evangelista Marcos é, sem dúvida, uma imagem muito inspiradora para a VC. A escuta da Palavra e a busca e realização da vontade de Deus estão na base do discipulado, que caracteriza a vida da comunidade cristã e particularmente da VC. A decisão de seguir o Mestre é uma opção pessoal, mas que tem como consequência a integração no grupo daqueles que escutam. A saída da cidade e a adesão a uma nova comunidade reflectem uma atitude de **liberdade e de busca de caminhos alternativos** para a existência.

**Deixar a família de origem e renunciar a formar a própria família** é o primeiro passo de uma nova liberdade colocada ao serviço do projecto de Deus e da construção de uma nova família formada por gente de todos os povos da terra. Esta atitude recorda o percurso de Abraão, chamado a deixar a própria, terra, família e clã, não porque Deus exija esta dramática

separação com tributo, mas porque, sem essa partida e separação do mundo de sempre, não se criam realidades novas. Não se fazem gemadas sem partir ovos. É também o caminho de Moisés, que conduz o povo através do mar e do deserto, com o que isso significa de esforço e desacomodação, para seguir um sonho de liberdade que dará origem a um novo povo.

***Destacar-se, partir, libertar-se*** são atitudes necessárias para formar uma nova realidade a partir de novos fundamentos. Não se trata de fugir de algo de mau ou perigoso, mas da opção por um princípio novo de existência. Também não é uma decisão única, no momento da partida, mas uma atitude existencial que requer constante purificação e formação do coração, na escuta da Palavra que constitui o cimento da nova comunidade.

Mas tal ***não significa que a comunidade dos consagrados seja formada por pessoas sem raízes e tradições*** e, muito menos, sem afectos. Bem pelo contrário, a adesão a Deus, fonte do amor que não conhece fronteiras, alarga o círculo daqueles aos quais se dirige a atenção, a dedicação e o amor, próprios da família humana. Partir não quer dizer abandonar ou desprezar a família; libertar-se não significa viver sem laços ou compromissos; renunciar a formar família não é absolutamente negar o afecto, a amizade e o amor. O projecto da comunidade nascida à sombra da Palavra não só recupera toda essa realidade — como nos esposos que deixam a família de origem para formar a sua — mas alarga o horizonte desta família às dimensões universais do amor de Deus.

Na verdade, o facto de o Reino de Deus conhecer a sua plenitude apenas no mundo futuro, não tira consistência e importância ao mundo presente, como se esta vida fosse apenas um corredor de passagem para o céu, ou uma antecâmara do paraíso. A primeira realização do Reino tem lugar neste mundo; foi ao serviço desta nova realidade que Jesus entregou toda a sua vida e as suas energias. O projecto de Deus consiste, antes de mais, na conversão do coração, que leva a transformar o mundo a partir da reconciliação e da mudança do relacionamento entre as pessoas. Por isso, ***não há verdade nem credibilidade numa consagração e numa espiritualidade que não se tornem vida fraterna***. A comunhão fraterna, em si mesma, torna-se a primeira realização do Reino de Deus, testemunho e presença sacramental do Senhor ressuscitado e sinal profético da nova humanidade gerada pelo Espírito.

A ***composição diversificada das nossas comunidades***, espelha a actualidade do projecto de Deus, que se nos apresenta como dom e desafio. Particularmente na dimensão internacional dos nossos institutos religiosos, que se faz sentir, cada vez mais, em cada comunidade local, somos chamados a viver e a construir, cada dia, a comunhão baseada na palavra, que reúne pessoas de todas as raças, nações e culturas. Por isso, ***a construção da comunidade é a primeira missão dos consagrados*** e o primeiro e imprescindível testemunho que dão da possibilidade de um mundo novo, a partir da adesão ao Evangelho e da validade do seu modo de viver: "Conhecerão todos que sois meus discípulos se vos amardes uns aos outros" (Jo 13,35). Além disso, a fraternidade constitui o convite mais eficaz, que suscita o interesse de outras pessoas e as pode levar a aderir a uma comunidade onde, no acolhimento, na escuta da palavra e no amor fraterno, podem descobrir os gestos reveladores da presença do Senhor.

### 1.3 Obediência: Aqueles que fazem a vontade do Pai [8-15]

A busca da ***vontade de Deus é a origem, o centro de convergência e o cimento desta nova família*** reunida em redor de Jesus. Escuta e obediência, em relação à palavra — que se dizem, em hebraico, com o mesmo vocábulo (*shem'a*) — constituem, para a comunidade eclesial e particularmente para os/as consagrados/as, o ícone da própria existência e missão.

Seguindo a *grande tradição bíblica*, que gerou os profetas, os místicos e os grandes líderes do povo, *Jesus é o modelo de escuta* crente e orante: "Escuta, Israel!" (Dt 6,4) é a oração que ele rezava, pelo menos três vezes ao dia, em comunhão com os crentes de Israel. Esta busca do rosto de Deus conduz a uma atitude de proximidade filial com Pai e à identificação com o seu modo de ver e avaliar a realidade, bem como à conformação com os seus projectos e estilo de agir. Tal é, de modo descritivo, o que significa a obediência, o ideal daqueles que buscam o rosto de Deus e que tornam disponíveis e decididos para cumprir a sua vontade [4-6].

Desde a sua vinda ao mundo — "*eis-me aqui, eu vim para fazer a tua vontade*" (Hb 10,7) — até à consumação total da existência — "*Sendo Filho, aprendeu a obediência por aquilo que sofreu*" (Hb 5,8) — a vida de Jesus é uma constante busca da vontade/projecto do Pai de oferecer a sua vida à humanidade. Por isso na sua obediência está já incluído o mistério da sua comunhão solidária com a humanidade (cf. Fl 2,6-11) e toda a sua missão. A sua vida é uma completa explicitação da profundidade do amor do Pai, porque com ele se identifica plenamente. "Aprender a obediência no sofrimento", que faz referência à oração de Jesus no Jardim das Oliveiras, não alude a um Deus insensível, que exige a submissão do seu Filho, indiferente à sua angústia e sofrimento, mas é expressão da absoluta sintonia de Jesus com o projecto do Pai, que o leva a fazer da sua existência um dom de amor para a vida do mundo, mesmo quando tal significa sofrimento e morte. Por isso ele se tornou "para todos os que lhe obedecem" fonte e caminho de salvação (Hb 5,9). Esta é a sua "autoridade" em relação aos crentes e à Igreja.

*A vida dos nossos fundadores/as* é confirmação deste caminho. Da escuta e do discernimento obediente do Espírito nasceu o novo carisma com que enriqueceram a Igreja. Desta mesma atitude brota igualmente o estilo particular de vida dos nossos institutos e a sua missão.

Para as comunidades de consagrados/as, estas são igualmente *as fontes da vida e da missão*, como também da nossa obediência e da autoridade, que está ao seu serviço. Juntos, segundo o papel de cada um, encontramos-nos ao redor de Cristo, para ouvir dele o modo de cumprir, em cada momento da vida e da história, a sua vontade.

Este é o *ponto de partida de todas as funções e serviços na comunidade*, incluindo a obediência e o serviço da autoridade. Na vida comunitária, é muito importante olhar-se reciprocamente, partilhar, discutir, procurar juntos; mas, na base de tudo isso deve estar o olhar juntos para o Mestre e escutar a sua voz. Esta é a única "Obediência": todas as outras formas de ordenar, organizar, obedecer, não podem ser senão consequências e expressões desta única atitude, que a todos reúne em torno de Jesus, como irmãos e irmãs.

*Escutar a voz do Espírito* significa, antes de mais, criar na própria vida o espaço de contacto/comunhão com o Pai, que caracterizavam a vida de Jesus. Esta comunhão essencial não pode ser esquecida, por mais nobres que sejam os motivos, sob pena de a vida do/a consagrado/a perder o seu sentido e de privar a comunidade do contributo da sua própria experiência de fé na busca dos caminhos de Deus.

*A escuta não é apenas uma demanda individual*. A imagem dos discípulos em redor do Mestre tem uma função exemplar e normativa. Restando firme a necessidade do encontro pessoal com Deus, os/as irmãos/ãs devem encontrar espaços para estarem juntos em redor e à escuta da palavra do Senhor, pois essa atitude é que consolida o fundamento e a razão de ser da própria comunidade. Particularmente a escuta e partilha da palavra, na lectio divina e a eucaristia, constituem momentos nodais na vida e desenvolvimento da comunidade dos consagrados [1].

Para que a escuta e a partilha da palavra não sejam simples ritos sem consequências, é necessário que na comunidade reine um ***clima de respeito, diálogo e fraternidade***, que permita escutar os/as irmãos/ãs, através dos quais se revela frequentemente a vontade de Deus. Sem confiança não se cria ambiente propício para partilhar o pão da palavra e para tirar as consequências para a vida e a missão comuns. É por isso que a oração em tantas das nossas comunidades é formal e infrutífera. Temos um Deus comum, mas não confiamos uns nos outros. É na reunião fraterna em torno do Mestre que a comunidade, surgida da palavra e guiada pelo Espírito, encontra os caminhos de fidelidade e renovação da própria vida e missão.

#### ***1.4 Atitudes: Os primeiros na escuta e no serviço***

Esta primeira imagem da VC é um terreno propício para compreender o serviço da autoridade e para inspirar o seu estilo de actuação. Antes de mais, é necessário que aqueles que presidem à comunidade ***não percam nunca de vista que são irmãos/irmãs***, no grupo daqueles que buscam o rosto do Senhor e escutam a sua voz. Nenhum título, função ou encargo os pode destacar deste círculo fraterno diante do único Senhor e Mestre, onde todos escutam, com alegria e abertura de coração e buscam com honestidade e disponibilidade a vontade de Deus.

Presidir à comunidade ou exercer qualquer outra função de responsabilidade em seu favor é motivo adicional para ser ***o/a primeiro/a na escuta de Deus***, seja na oração pessoal, seja na partilha comunitária ou no diálogo com os irmãos/ãs, que é onde Deus frequentemente se revela. Se, para todos, o estar á escuta de Deus é a atitude fundamental da existência, muito mais para quem deve presidir à comunidade. A exemplo do Mestre, que buscava, no silêncio do deserto e da noite a intimidade com o Pai e os caminhos do seu projecto, quem preside, sobretudo se anda muito ocupado, deve sentir a necessidade e a força de deixar-se plasmar pelo coração de Filho obediente de Jesus.

Sendo os primeiros responsáveis pela fidelidade da comunidade à sua própria vocação e missão, aqueles que a ela presidem devem ser ***guias e promotores da escuta da Palavra e da busca da vontade de Deus*** para a vida e as decisões da comunidade, sobretudo através da oração, da "lectio divina" e da eucaristia. Quem preside não é apenas um administrador de negócios, mas, pela coerência de princípios e de vida, pelo estilo e a forma de organizar a comunidade, deve recordar a todos a prioridade do Reino de Deus e da sua justiça, depois dos quais todas as outras coisas virão por acréscimo (Mt 6,33).

Sem nunca pretender colocar-se no lugar do Mestre, aquele que preside assume uma ***responsabilidade especial na criação do clima de fraternidade***, reconciliação, diálogo e partilha, que devem caracterizar a comunidade. O estilo do seu relacionamento e das suas intervenções devem ter como objectivo alimentar, refazer e promover a comunhão e a unidade, do círculo daqueles que se encontram em redor do Senhor, para realizar a sua vontade.

A expressão dos sentimentos de Jesus para com os seus discípulos, em Jo 15,15 pode concluir este primeiro ponto da nossa reflexão. No momento de despedir-se dos seus, Jesus diz-lhes: ***"Já não vos chamo servos, mas amigos***, porque vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai". A escuta do Pai, por parte de Jesus, torna-se ensinamento, critério e orientação de vida, mas igualmente base de um relacionamento de comunhão e de afecto. Possa este ideal de amizade e de amor marcar a vida das nossas comunidades e o estilo do nosso serviço de autoridade. Deste modo, regressamos ao círculo formado em torno a Jesus, da nossa primeira imagem: A escuta não gera simplesmente um grupo aguerrido de agentes do Reino, ou de fanáticos propagadores de verdades, mas tem como projecto, antes de mais, a

construção de uma comunidade de irmãos/ãs, cujo princípio e finalidade principal é o amor recíproco. Esta é a primeira realização da vontade/desígnio de Deus.

## 2. Recebereis o Espírito Santo

A segunda imagem da VC e do serviço da autoridade, que gostaria de propor é a comunidade do Pentecostes, reunida depois da morte e ressurreição de Jesus. Uma comunidade de discípulos e discípulas, que perseveraram juntos na oração expectante e se deixam impelir pelo fogo do Espírito, que torna efectiva a sua comunhão e os envia em missão por todo o mundo.

*"Desceram do monte chamado das Oliveiras, situado perto de Jerusalém, à distância de uma caminhada de sábado, e foram para Jerusalém. Quando chegaram à cidade, subiram para a sala de cima, no lugar onde se encontravam habitualmente... E todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os seus irmãos"(Act 1,12-14).*

*"Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Apareceram-lhes como que umas línguas de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios de Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem" (Act 2,1ss).*

### 2.1 A narração

A pessoa de Jesus e o círculo de discípulos reunidos em seu redor, que tomámos como primeira imagem da nossa reflexão, constituem, para a Igreja, um ponto de partida necessário e imprescindível. Mas esse quadro teria ficado historicamente fixo no passado e seria radicalmente insuficiente para explicar o ser da Igreja, se não fosse a presença do Espírito de Jesus, que torna presente e activa a memória do passado e suscita constantemente novas formas de vida e de missão, em cada época da história.

**João Baptista** já tinha anunciado esta efusão do Espírito, como realização das profecias sobre os tempos messiânicos. A sua missão, embora superando a de todos os outros profetas, não é mais do que a preparação para a transformação do mundo, que está para acontecer pela acção de Jesus e pelo dom do seu Espírito: "Eu baptizo-vos com água... mas Ele há-de baptizar-vos no Espírito Santo e no fogo (Lc 3,16). O segredo da vida e missão de Jesus é programaticamente apresentado, na cena do baptismo, à luz da sua comunhão com o Pai e do Espírito, que repousa sobre Ele em plenitude (Mc 1,9-11).

É este mesmo Espírito, prometido pelo Ressuscitado aos seus discípulos, (cf. Jo 16,5-15; Act 1,8) que é agora concedido à comunidade que o espera. **Sem este dom do alto, a missão de Jesus não estava completa.** A continuação da sua missão não se faz somente por imitação do passado. A sua eficácia provém do mesmo Espírito que operava em Jesus. O tempo da Igreja é sobretudo o tempo do Espírito.

### 2.2 Comunidade renovada pelo Espírito

**O Pentecostes é o nascimento e a vida de uma comunidade** que espera orando o dom do alto, se vê liberta do medo e dos limites geográficos e culturais, na unidade diversificada dos povos e das línguas, para dar testemunho em toda a terra do amor de Deus pela humanidade. Esta não é uma imagem idílica do passado, mas uma realidade constante ao longo dos séculos. Como testemunham os Actos dos Apóstolos e as cartas paulinas, não

faltaram, às comunidades dos tempos apostólicos, dificuldades externas e internas: perseguições, calúnias, pressões de todo o género, como também dúvidas, tensões, desânimos e até mesmo defecções, incoerências e traições. Mas através desta conturbada história, o Espírito não deixou de conduzir e renovar constantemente a Igreja, que ia estendendo a sua presença no interior do império e ultrapassado as fronteiras deste para atingir muitos outros povos.

Ao longo de toda a história, *a VC representa uma das mais expressivas manifestações da presença do Espírito na comunidade eclesial*. Sob o seu influxo, fundadores e fundadoras escutaram, viveram e deram novas expressões à mensagem do Evangelho, enriquecendo a Igreja com diferentes carismas. Inspirada por eles, uma multidão de irmãos e irmãs foi percorrendo os caminhos da humanidade e levando o testemunho da presença de Deus na história. Eles afirmaram, com a vida e a palavra, a fraternidade universal do Evangelho, a misericórdia para com os mais necessitados, o dom de si próprios por amor, e, deste modo, ofereceram um inestimável contributo para a transformação do mundo.

*Hoje, este Espírito não se extinguiu nas nossas comunidades*. Talvez tenhamos os olhos embaciados pela tristeza, como os discípulos de Emaús e a mente confusa por tantos discursos derrotistas e desorientados que escutamos e, por isso, temos dificuldade em reconhecer que o Senhor ressuscitado caminha connosco e que o seu Espírito está bem activo no meio de nós. Sem fechar os olhos perante as dificuldades provenientes da sociedade hodierna e das crises internas que não deixam de preocupar, um olhar atento à fidelidade criativa de tantos consagrados/as em todo o mundo pode revelar-nos a força operante do Espírito na Igreja e no mundo, através desta parte do seu povo que é a VC. Pensemos, por exemplo, na grande obra de evangelização dos últimos decénios; no caminho de renovação dos nossos Institutos, após o Concílio Vaticano II; na adaptação às novas condições de vida e de missão do mundo de hoje; nos novos Institutos que têm vindo responder a novas necessidades; na partilha do carisma, espiritualidade e missão dos consagrados com os leigos...

Como em todas as épocas de mudança, *não faltam dificuldades externas e internas*, desorientações, busca de soluções por caminhos sem saída. Mas não creio sinceramente que os tempos de Jesus, da Igreja apostólica ou dos nossos fundadores fossem melhores do que os nossos. Se, se encontramos dificuldades, temos uma razão mais para buscar, com fé e esperança, soluções para os problemas. A oposição e a indiferença externas, bem como os sinais de crise e decadência no interior das nossas comunidades são apelos insistentes do Espírito para sairmos da nossa rotina e comodidade, em busca de caminhos de renovada fidelidade e de novas formas de tornar Cristo presente na nossa sociedade. A questão da diminuição dos números deve ser tomada em séria consideração, mas não deve tirar-nos a serenidade e a esperança. A VC não é para a multidão; importante é que esse "pequeno rebanho" ofereça um testemunho convincente da alegria de seguir o Pastor que o conduz.

No interior da VC, é importante *não considerar a presença do Espírito apenas na etapa de fundação carismática*, mas como uma assistência constante, que permite e promove uma fidelidade criadora à herança fundacional recebida. Não somos conservadores de peças de museu, mas gente que, consciente de que a validade e a força da tradição que recebeu, é capaz de se adaptar e dar frutos apropriados a cada época da história, porque nasceu e se renova dinamicamente pelo Espírito. É ao serviço desta fidelidade dinâmica que se coloca sobretudo o papel da autoridade.

*Uma característica da presença do Espírito é a diversidade linguística e cultural* na construção da comunidade. Hoje vivemos, de modo concreto e renovado esta realidade. A missão levou a Igreja e os nossos Institutos ao contacto com numerosas culturas e nacionalidades e, mais do que em qualquer outra época da história, a composição das nossas

comunidades reflecte esta multi-culturalidade nascida à sombra do Evangelho. Este facto representa uma riqueza, mas igualmente um enorme desafio, pois trata-se de criar fraternidade a partir de tamanha diversidade. Este é precisamente o trabalho do Espírito, que nos congrega a partir da escuta da Palavra e do acolhimento da vontade de Deus.

A multi-culturalidade representa igualmente um grande *desafio ao nível do carisma*, que deve ser "traduzido" nas diversas expressões culturais e também por elas enriquecido, mas sem perder a unidade comum. Este processo está apenas no seu início, pois, na maioria dos Institutos, apesar de séculos de contacto inter-cultural, apenas agora se está a fazer sentir, de forma consistente, a presença activa de irmãos/ãs provenientes das igrejas de evangelização mais recente. Na sua maioria, os Institutos de VC nasceram na Europa e estão ligados à mentalidade cultural e eclesial da sua origem, tanto ao nível da fundamentação dos princípios, como da reflexão, expressões da espiritualidade e estilo de governo. A abertura à diversidade cultural deve reconhecer aquilo que é essencial no património comum e aquilo que, pelo contrário pode e deve adaptar-se a cada uma das realidades vividas nos diversos contextos.

Pela sua própria realidade de comunhão multi-cultural, a VC é chamada a dar um *contributo significativo à universalidade da Igreja*, através do intercâmbio de pessoas, de tradições e de sensibilidade espiritual e de experiências pastorais. Para que isso seja possível, é necessário que os Institutos religiosos se integrem na Igreja local. Não podem dar a ideia de serem empresas multinacionais, dirigidas de fora, com um programa próprio, que pouco se cruza com a realidade eclesial em que estão inseridos. Por outro lado, se estes Institutos enfatizarem de tal modo a dimensão local, que percam de vista a comunhão e a dinâmica internacional que os anima, deixam de dar às próprias igrejas onde estão inseridos o sentido de comunhão universal que os deve caracterizar.

A presença do Espírito verifica-se numa *comunidade sempre imperfeita e em construção*. Aceitar esta condição peregrina da Igreja e dos próprios Institutos é fundamental para se empenhar com realismo, humildade e generosidade na sua transformação. Não ter em conta esta realidade conduz a muitas desilusões, contestações inúteis e defecções. Nunca encontraremos uma comunidade, um Instituto ou uma Igreja perfeitos onde "valha a pena" empenhar a nossa vida de modo ideal e sem o peso de contradições, tensões e incoerências. Longe de levar a desistências desiludidas ou a resignações acomodadas, a consciência da imperfeição pessoal e da comunidade onde nos encontramos deve ser acolhida com a mesma atitude de solidariedade e empenhamento com que Cristo assumiu a natureza humana pecadora, oferecendo-se como "sacrifício de reparação". Na força do Espírito é possível continuar no mundo e no interior das nossas comunidades esta acção transformadora, como profetas do amor e servidores da reconciliação (cf. 2Co 5,18-21).

### **2.3 O serviço da autoridade: dom do Espírito para a comunidade**

Para muita gente e também para grande número de consagrados, o serviço da *autoridade representa, na Igreja, a face "institucional" da Igreja*, em contraste com outras dimensões "carismáticas". Segundo este estereótipo, a autoridade caracteriza-se, entre outros traços, pela idade avançada e um tanto incapaz de compreender a juventude e o mundo em rápida transformação e por um posicionamento preponderantemente "prudente e conservador", sempre pronto a encontrar desculpas para rejeitar sugestões proféticas e renovadoras. Certamente que não é difícil encontrar exemplos deste género também na VC. Mas, a este propósito, é importante notar que um dos elementos que confere um dinamismo particular à VC é precisamente o salutar princípio de evitar que as mesmas pessoas se perpetuem em cargos de responsabilidade e a mobilidade de ministérios, que permitem o

intercâmbio enriquecedor entre diferentes comunidades, bem como a diversidade da experiência eclesial e a liberdade das próprias pessoas.

De qualquer modo, esta visão da autoridade, embora possa espelhar muito da realidade factual, não corresponde à sã eclesiologia do Espírito que acabamos de considerar, na linha de quanto propõe Paulo, na sua visão dos carismas e serviços na comunidade (cf. 1Co 12; Rm 12). ***A autoridade é um lugar importante da manifestação do Espírito na comunidade***, no contexto de todos os outros carismas e ministérios: os profetas, importantes, embora, por vezes, incômodos e nem sempre ponderados; os doutores e professores com as próprias competências; os terapeutas da psique e do espírito; os conselheiros espirituais e os que são nomeados nas nossas comunidades; os gestores e administradores dos bens e das obras, com as suas tarefas cada vez mais complicadas, etc. Muitas vezes, o superior/a encontra-se a dirigir uma orquestra de competências, em muitos campos, superiores às suas. Ele/a exercerá o seu papel importante, se não pretender suprimir ou açambarcar o carisma e a função dos outros, desempenhando bem o próprio serviço à unidade e à fidelidade criativa ao património comum, bem como à organização, sinergia e colaboração, da missão de todos.

Se acreditamos que o Espírito move interiormente cada irmão/ã da comunidade, ***a primeira preocupação de quem preside deve ser de promover a manifestação e a escuta do Espírito*** na comunidade. Só depois virá a de discernir, coordenar e complementar as suas sugestões. Uma autoridade preocupada sobretudo em manter a ordem a observância a todo o custo corre o risco, não apenas de reprimir a criatividade das pessoas, mas de se tornar em factor de infidelidade e de obstáculo à voz de Deus. A autoridade não deve assumir, à partida, a atitude de "domador de leões", como se o seu papel fosse o de polícia de gente imprevisível e irresponsável, mas a de irmão/ã mais velho que procura descobrir e incentivar os dotes de cada membro da comunidade e ajudar a colocá-los ao serviço da vida e da missão de todos.

Promover uma comunidade viva e criativa, na escuta do Espírito significa aceitar dois outros desafios complementares: Primeiro, ***não renunciar ao confronto***, em nome de uma apressada busca de unanimidade, que pode ser fruto de acomodamento para mudar as coisas, ou de manipulações interessadas ou intimidatórias. Segundo, ***aceitar o discernimento comunitário e o serviço da autoridade*** na tomada de decisões. O Espírito pode ser uma salutar fonte de instabilidade, em águas mortas e de incômodo em comunidades acomodadas. Mas, por outro lado, há que ter em conta que aqueles que são por ele motivados podem facilmente misturar a inspiração do alto com a própria emoção e outras componentes bem terrenas. Por isso, o profeta deve submeter-se ao discernimento da comunidade, onde o serviço da autoridade deve assumir a própria função de escuta e de decisão.

Mais do que em qualquer outro ministério, os que presidem manifestam a dupla perspectiva do serviço à comunidade: ***são parte integrante da própria comunidade, mas também enviados de Deus aos irmãos***. Hão-de saber escutar e discernir, em comunhão com todos, mas não podem abdicar do próprio papel de orientar e decidir. Por outro lado, na autoridade que exercem, por acção do Espírito, deve fazer transparecer o estilo do próprio Espírito.

Finalmente, acima de tudo, há que recordar que ***o dom dos dons é o amor***, que deve purificar de falsas motivações o coração de todos e guiar o processo de discussão, busca e discernimento da vontade de Deus para a comunidade (cf. 1Co 13). É determinante, como dizíamos antes, que o serviço da autoridade, sem se demitir das próprias responsabilidades de discernimento e decisão, assuma um estilo fraterno e promotor de cordialidade e amizade. Por outro lado, a reciprocidade do amor requer igualmente o apoio leal e a estima e da comunidade para com as pessoas que exercem o serviço da autoridade. Aqueles que presidem à comunidade não deixam de ser irmãos ou irmãs com sentimentos e sensibilidade, que muito beneficiarão, para o bom desempenho da própria missão, da cordialidade dos restantes

membros da comunidade, Só assim se criará um verdadeiro espírito de família que deve caracterizar a comunidade.

#### 2.4 Atitudes: Ao serviço da comunhão gerada pelo Espírito

Quem preside deve assumir-se *ao serviço do Espírito que gera a comunidade e vive nos seus membros*. A sua primeira atitude deve ser de estar atento a esta presença activa, pela própria postura de escuta. É o caminho do silêncio, da escuta da Palavra, da reflexão e do estudo, mas igualmente do diálogo e da partilha com os outros, através dos quais se manifesta a voz do Espírito.

Deixar-se guiar pelo Espírito no ver, julgar e decidir comporta um *caminho de purificação e libertação*. A purificação do coração (a pessoa na sua integridade: razão, sentimentos, afectos e impulsos) é um processo constante, em que muito ajuda a psicologia e o diálogo fraterno, mas que deve sempre atingir a transparência do próprio ser, perante a verdade luminosa e misericordiosa do encontro com Deus. Para bem julgar e decidir, é preciso libertar-se das próprias feridas e traumas escondidos, dos complexos de medo ou grandeza, dos preconceitos em relação a pessoas, grupos, etnias ou nacionalidades... até libertar-se de si próprio, da preguiça e comodismo, da sede de afirmação e protagonismo. Só assim se poderá dispor livremente da vida, para fazer dela um dom ao serviço de Deus e dos irmãos. Esta é a meta da verdadeira purificação, libertação, serviço... alegria e vida.

Não se fazem "assinaturas exclusivas" do Espírito. Ele é sempre *um Espírito de comunhão, relação e colaboração*. Deixar-se guiar pelo Espírito no serviço da comunidade significa aprender a identificar a sua presença nos dons dos outros e nas suas sugestões. É bom habituar-se a dar muita atenção aos que discordam das nossas próprias ideias: evitam-nos muitos erros, pois, no mínimo, mostram o lado fraco dos nossos projectos, permitindo-nos descartá-los ou melhorá-los. Se o Espírito vive nos outros, há que confiar que eles são capazes de pensar, projectar e gerir. Daí a sabedoria, não só de escutar e partilhar informação e ideias, mas também de criar um clima de co-responsabilidade e subsidiariedade, em que, sem abdicar das próprias responsabilidades de decisão a cada nível, se permite que todos dêem o melhor de si próprios, com alegria e criatividade, submetendo-se igualmente à coordenação e avaliação dos outros.

Há que ter em conta que o Espírito, e sobretudo aquilo que pensamos serem as suas sugestões, *não nos livra de cometer erros de avaliação e decisão* (particularmente quando não temos em conta a voz dos que nos rodeiam). Aceitar as próprias fraquezas e limites é um razoável primeiro passo para evitar que elas causem grandes desastres. Além disso, essa atitude torna-nos realistas, fraternos e misericordiosos com as fraquezas dos outros. Uma autoridade que sabe reconhecer e erros e pedir desculpas não se desacredita, ma revela inteligência humilde, liberdade, realismo e vontade de acertar.

Finalmente, o exercício da autoridade, à luz do Evangelho, deve conduzir a uma grande *atitude de confiança na presença do Espírito*, que orienta a comunidade e aqueles que a servem, mesmo através do caminho do sofrimento, do aparente fracasso e das fraquezas próprias e alheias. Em tudo isso se pode experimentar a misericórdia e a força do Espírito, que nos conforta e renova, para podermos confortar e ajudar a levantar aqueles que precisam.

Por isso, e não por serem temperamentalmente optimistas ou pessimistas, os consagrados e particularmente aqueles que presidem às suas comunidades, são chamados a ser *portadores de Fraternidade e de Esperança no Espírito*.

### 3 Chamou-os para estarem com ele e par enviá-los a anunciar

#### 3.1 A narração

A terceira imagem que gostaria de propor como ícone da VC é apresentada pelo evangelista Marcos pouco antes da que serviu para iniciar o nosso encontro, sobre a família reunida em torno a Jesus. Com ela forma uma unidade estruturante do já referido distanciamento em relação à tradição de Israel e da constituição de uma nova comunidade messiânica. Jesus escolhe, de entre os discípulos, com soberana liberdade, um grupo de Doze, aos quais confere uma missão especial:

*Jesus subiu a um monte e chamou aqueles que Ele quis; e eles foram ter com Ele. Estabeleceu doze para estarem com Ele e para os enviar a anunciar, com o poder de expulsar os demónios (Mc 3,13-15).*

Para compreender o alcance desta escolha, há que completá-la com a missão confiada aos doze pelo Senhor ressuscitado:

*Ide, fazei discípulos de todos povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos (Mt 28,19-20).*

*Recebereis a força do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até aos confins do mundo (Act 1,8).*

Antes de mais, deve notar-se que Jesus realiza a escolha dos Doze **em comunhão com a vontade do Pai**. Marcos fala da subida à montanha (o mundo de Deus), enquanto Lucas afirma directamente que passou a noite a orar (cf. Lc 6,12). Deste modo, na escolha de Jesus reflecte-se o desígnio do Pai. Por isso, esta designação dos Doze não é um puro acto de eleição, no contexto do grupo, mas uma escolha directa do próprio Jesus: "...aqueles que Ele quis". Como os profetas e os personagens mais significativos da tradição de Israel, os Doze são chamados pessoalmente por nome, com uma missão precisa no contexto do povo de Deus.

Por outro lado, a anotação que "**eles foram ter com Ele**", sublinha a liberdade e a decisão de assumir e de responder ao convite. Ao chamamento de Jesus, o discípulo responde com a mesma disponibilidade que caracterizou a atitude de Maria (ecce ancilla...) e do próprio Jesus (ecce venio...). Assim, o chamamento de Jesus e a resposta disponível dos discípulos formam, juntos, uma atitude comum de obediência ao projecto do Pai, de levar a sua salvação até aos últimos confins da terra.

O papel destes escolhidos é descrito com um verbo estático — **estar com Ele** — denotando proximidade e identificação, e dois dinâmicos — **enviar a anunciar** — indicando deslocamento e acção, mas sem perder a ligação com a origem. O anúncio é ainda associado a um genérico poder de libertar do mal: **expulsar os demónios**. A função externa dos discípulos é, assim, apresentada como continuação daquilo que fazia Jesus. Por isso a sua missão é um envio, pois eles agem, por assim dizer, por delegação do Mestre e para levar a cabo a sua obra.

Durante a vida de Jesus, o grupo desenvolve sobretudo a primeira parte do programa — "estar com Ele" — mesmo se Jesus os envia em missão, diante de si, dentro das fronteiras de Israel (cf. Mc 6,7-13). Este é sobretudo o tempo do seguimento, do ver, aprender, imitar. Depois da Páscoa e da vinda do Espírito, o envio e a missão passam para primeiro plano,

alargando-se aos horizontes dos confins da terra e da história. Mas, também aí, o "estar com Ele" não perde actualidade. O Senhor garante a sua presença e a acção do seu Espírito, que continuarão a guiar a missão dos Doze.

### 3.2 *Comunidade de discipulado e de missão*

Prescindindo do seu papel estruturante para a Igreja, particularmente no que diz respeito à missão dos apóstolos, a chamada e envio dos Doze representa uma eloquente imagem dos consagrados/as e da sua intrínseca vocação: estar com o Mestre, como discípulos/as e aceitar ser enviados/as a anunciar aquele que liberta as pessoas de todo o tipo de escravidão.

*A chamada para estar com Jesus desemboca sempre numa missão.* Não existe um chamamento apenas para "consumo individual". Na composição diversificada da comunidade reunida em redor do Mestre, de que tratámos na primeira imagem, estava já implícita uma dimensão missionária, pois só assim se realiza a vontade do Pai de levar a sua salvação a toda a humanidade.

A orientação missionária universal, claramente confiada por Jesus aos discípulos, constitui uma *mudança radical, em relação à tradição de Israel*. De facto, o judaísmo não é nem pode ser missionário, porque ser judeu não é uma questão de opção ou de conversão, mas de nascimento. Quem não pertence à descendência de Abraão, pode, no máximo, tornar-se um prosélito, um "temente a Deus", mas nunca poderá fazer integralmente parte do povo eleito.

Por esta razão, provenientes desta mentalidade judaica, que pensava que as promessas de Deus se destinavam exclusivamente à raça dos israelitas, só *gradualmente os próprios discípulos foram entendendo esta abertura universal*, como já o intui a gradualidade da própria mensagem dos textos acima citados. Mesmo depois da ressurreição de Jesus e da vinda do Espírito, foi a custo e quase que forçados pela evidência da acção do Espírito, que a comunidade e os próprios apóstolos foram levados a entender que a salvação se destinava também aos gentios (cf. Sobretudo Act 10 e 15). Progressivamente, no meio de dificuldades, mas guiada pelo Espírito e impulsionada pela acção e pela palavra de homens como Paulo e Barnabé, a Igreja apostólica transpõe os limites religiosos e culturais do judaísmo, para se converter em casa de Deus para todos os povos.

Para a VC, comprometer-se na missão da Igreja não é, pois, um apêndice a juntar à consagração, mas uma *dimensão fundamental e irrenunciável da própria vocação*. A própria composição multi-nacional e multi-cultural da maioria dos Institutos Religiosos permite-lhes experimentar e dar um testemunho especial e uma preciosa colaboração à universalidade da Igreja, que se exprime na missão. Ao longo dos séculos, o anúncio do Evangelho em todo o mundo foi, em grande parte, obra dos consagrados e consagradas. Eles percorreram generosa e fraternamente os caminhos do mundo, com paixão e compaixão, escrevendo algumas das mais belas páginas da história dos nossos institutos e selando, muitos deles, com o próprio sangue, a consagração a Deus, para o serviço dos homens. E, ainda hoje, a perspectiva missionária que mobiliza centenas de milhares de consagrados, continua a ser um dos principais testemunhos que levam motivam muitos jovens a querer agregar-se às nossas comunidades.

Sendo uma dimensão imprescindível da Igreja e, por isso mesmo, parte inseparável da VC, *a missão nunca é uma questão pessoal*, mas sempre expressão da comunidade que envia em nome de Cristo. Esta dimensão comunitária não se revela simplesmente no envio e no apoio a partir da retaguarda, mas deve fazer parte da própria missão, a começar pelo relacionamento entre aqueles que estão ao seu serviço. Partindo do círculo dos que escutam o Senhor e destinando-se a formar outros círculos de irmãos/ãs que escutam, a missão deve evitar os protagonismo individualistas e privilegiar a dimensão comunitária, na sua

preparação e no estilo de acção pastoral, bem como na promoção do espírito fraterno e participativo das comunidades a que dá origem.

Por isso, ***a missão não pode ser "o meu projecto" e não existe em função da "minha realização"***, que frequentemente se traduzem simplesmente na busca de satisfação do próprio comodismo, culto da personalidade ou protagonismo. Não! A missão é de Deus e é Ele quem chama e envia, através da sua Igreja. A exemplo do seu Senhor, o/a consagrado/a está ao serviço da missão onde e como seja necessário e útil. O melhor antídoto para concepção individualista ou busca missionária de si próprio é precisamente o sentido da comunidade e da obediência, como busca fraterna da vontade de Deus. Essa é a atitude de autêntica libertação, até dos próprios condicionalismos pessoais, que permite estar fraternamente disponível para colaborar com outros e colocar, com alegria, ao serviço da missão comum, todos os dons de que cada um dispõe. Neste dom de liberdade e de serviço, a pessoa não se dissolve nem se aniquila num projecto de comunidade, mas encontra o verdadeiro ambiente de realização pessoal, de alegria, de partilha e de solidariedade que lhe permitem viver e testemunhar o projecto de Evangelho.

Hoje, ***o conceito tradicional de missão tem necessidade de ser reconsiderado***, perante os desafios de um mundo em acelerada mudança. Fruto do intenso esforço missionário dos séculos mais recentes, cimentou-se na Igreja a ideia de que a missão tem como ponto de partida os *países cristãos*, particularmente da Europa (com uma mais recente associação da América do Norte), tendo como destino os *países não cristãos* do sul do planeta: América do Sul, África e Ásia. A imagem do missionário que fez sonhar numerosos jovens candidatos à VC era a de um filho desta civilização Ocidente Norte, com longas barbas e batina branca, que generosamente partia para os países do sul do hemisfério, levando a fé (... e a civilização). Versões femininas desta ideia também não são difíceis de encontrar.

Não me detenho a considerar quanto esta ideia esteja ainda presente no imaginário cristão, particularmente na Europa, e de quanto esteja imbuída de preconceitos de superioridade, paternalismo e eurocentrismo, mas também de sincero universalismo, solidariedade e genuíno dom e serviço desinteressado, em nome do Evangelho. Desejo sobretudo sublinhar como ***este modelo já não corresponde à realidade***. Antes de mais, o estereótipo de países cristão e não cristãos já não condiz com o nosso mundo. As sociedades europeias podem considerar-se sociedades cristãs, tanto pelo conhecimento do Evangelho, como pelo modo de pensar e pelos valores que a motivam? Hoje, o continente com mais cristão é a América do Sul e o país com mais católicos é o Brasil. Não é difícil observar como as comunidades cristãs da Europa estão a ficar sempre menos numerosas e mais envelhecidas, enquanto, em muitas terras de recente evangelização, as comunidades crescem e mostram um rosto juvenil, tanto na idade como na criatividade dos seus membros. Partindo da experiência dos nossos Institutos, não é difícil constatar que as forças vias e jovens da Igreja se afirmam sempre mais nos países até há pouco considerados *de missão*. Este deslocamento para sul representa uma enorme mudança na vida e na missão da Igreja, que não pode ser ignorada.

***Nos países do Norte***, damo-nos conta que perderam validade muitos dos antigos esquemas de cristandade, mesmo de poucos decénios atrás, quando tudo se passava em volta da Igreja que detinha um papel de primeira linha na sociedade, onde o clero e os consagrados eram olhados com respeito e reverência. Contudo, no interior da Igreja, os esquemas de pensamento, as atitudes perante o poder, o comportamento de grande parte dos responsáveis e as metodologias pastorais continuam ainda, em grande parte, a presumir que o antigo modelo está ainda em vigor.

No que diz respeito à ***missão para fora das comunidades cristãs***, existe uma evidente falta de vitalidade. Partindo da ideia de que somos uma sociedade cristã, não estamos mentalizados nem organizados para ir ao encontro dos "de fora". Praticamente limitamo-nos a

esperar que eles venham às nossas sacristias e conventos, como sempre fizeram no passado. Só que... eles já não vêm, particularmente os jovens. A resposta está a vir dos movimentos eclesiais. Talvez tenhamos fundamentadas críticas a fazer a alguns deles, mas é certo que, em muitos casos, estão a dar à Igreja um dinamismo novo de que não dão provas muitos dos que primeiro deviam demonstrá-lo. Mas, por outro lado, estas igrejas de antiga tradição continuam a dar à Igreja universal um preciosíssimo contributo de competência, reflexão, com missionários espalhados em todo o mundo e uma impressionante generosidade e apoio à missão e à solidariedade.

*No hemisfério Sul*, temos uma situação bem diferente e diferenciada, desde igrejas já com uma grande tradição, sobretudo na América do Sul a outras mais jovens, na segunda ou terceira geração de cristãos. Falta clero para as grandes necessidades, mas existe uma relativa abundância de vocações e sobretudo um grande envolvimento dos leigos na vida e missão das comunidades. Na maior parte dos casos, com excepção da América Latina, os cristãos são minoritários nos respectivos países e isso, a par de numerosas e penosas dificuldades, favorece também uma atitude mais interiorizada da opção de fé, bem como o desenvolvimento de laços de solidariedade no interior da comunidade e de responsabilidade para com a missão.

Impõe-se, portanto, um *despertar geral do sentido de missão na Igreja* e, como sempre, os consagrados/as devem estar na primeira linha. Nas igrejas de antiga tradição, as nossas estruturas têm necessidade de se adequar mais aos novos tempos, para responder evangelicamente aos desafios do mundo de hoje. A solução não está em voltar para trás, como alguns estão a tentar. Sobretudo, há que sair das sacristias e ir ao encontro das pessoas, particularmente dos jovens, onde eles se encontram. A diminuição dos números e das percentagens não nos deve impressionar. Pode ser uma ocasião para redescobrir o sentido da comunidade, para dar real espaço aos leigos, particularmente às mulheres, de modo que sejam reais co-responsáveis na missão e não simples ajudantes. O nosso objectivo não é recuperar o espaço perdido em termos de poder, mas ser evangelicamente significativos no ambiente onde vivemos, a partir do estilo de vida fraterno e do acolhimento e serviço das nossas comunidades.

O deslocamento para sul da VC e da Igreja torna impossível o envio de novas ondas de missionários de Norte para Sul, como no passado. Mas outras oportunidades estão a surgir. *Hoje, os missionários partem de todas as igrejas para todo o mundo*. Particularmente nos Institutos Religiosos, esta é uma realidade bem presente na crescente multi-culturalidade das nossas comunidades. Paradoxalmente, a diminuição de vocações pode dar ocasião a um novo e diversificado despertar missionário.

Num *mundo de grande migrações* as comunidades do Norte não são chamadas apenas a enviar missionários, mas também a acolhê-los no seu seio, para melhor responderem à multi-culturalidade do tecido social das nossas sociedades. Esta actual situação da missão coloca novos desafios à coordenação dos nossos Institutos, bem como à formação para a missão que assume, cada vez mais, uma dimensão multi-cultural e universal. Fruto da missão dos últimos séculos, a Igreja e as nossas famílias religiosas alargaram-se e enriqueceram-se com o concurso de novos povos e novas culturas, sofrendo igualmente os embates das mudanças que nem foram capazes de acompanhar, mas dispõem igualmente de novas energias humanas, novos meios e oportunidades para colocar ao serviço do anúncio do Evangelho.

### 3.3 *Autoridade e obediência na missão*

O envio em missão, especialmente com destinos longínquos revela, talvez, mais do que qualquer outra situação, a ***necessidade do papel organizativo e coordenador da autoridade***, bem como a clara atitude de obediência de identificação com um projecto missionário preciso e definido. É importante que este serviço fundamental, não se reduza a um simples "conselho de administração" logístico da missão, mas seja expressão do empenhamento missionário da própria comunidade.

A missão é o ***local privilegiado de expressão do carisma de um instituto religioso*** em relação à Igreja e à sociedade. O discernimento sobre as obras a desenvolver, manter ou abandonar constitui um tema fundamental do serviço da autoridade. Num tempo de rápidas mudanças como o nosso, este discernimento exige fidelidade ao carisma, mas igualmente coragem para actualizar, mudar e criar, de modo a responder, segundo o dom carismático dos fundadores, aos novos apelos do mundo de hoje. Um tal processo, não pode ser apenas obra de um/a superior/a provincial ou geral iluminados/as, mas fruto da busca fraterna de toda a comunidade envolvida, onde aqueles que presidem se devem fazer promotores e auscultadores dos contributos de todos, de modo a poderem conduzir a decisões coerentes e eclesialmente fundamentadas.

As opções concretas da missão exigem ***equilíbrio entre as exigências do próprio carisma e a inserção na igreja e sociedade concretas***. Manter-se apenas dentro da lógica das estruturas e finalidades do próprio Instituto, sem real participação nas necessidades, organização e estilo da igreja local, seria manter-se como corpo estranho ou seita dentro do tecido eclesial. Por outro lado, esgotar-se nas respostas às necessidades imediatas, para além de ser danoso, a longo termo, para a própria comunidade consagrada, acaba por privar a igreja local e a sociedade do contributo do carisma do próprio Instituto e por comprometer a permanência, a longo termo, do serviço que se pretende prestar.

Acompanhar a missão significa, por parte do serviço da autoridade, antes de mais, a ***atenção aos irmãos/ãs*** que lhe dão vida. Eles/as não "máquinas missionárias" ou simples "grupo de trabalho", mas pessoas que sentem, sofrem e se alegram, desanimam e se entusiasмам. O acompanhamento amigo de quem preside à missão há-de ser expressão do carinho de Deus para com aqueles que se disponibilizam para o serviço do Evangelho, laço de comunhão com toda a comunidade que envia e fonte da solidariedade entre aqueles que, de modos diversos, participam da mesma missão.

***O exemplo da atitude de Jesus com os seus discípulos*** há-de constituir um motivo de frequente reflexão para quem exerce funções de autoridade. A este grupo especial dedica Jesus grande parte do seu tempo, energias, paciência e capacidades, como homem e Filho de Deus, até dar por eles a vida. Pretende que eles estejam completamente disponíveis para a missão, mas não lhe exige "obediência cega". Antes, partilha com eles o projecto do Pai, movendo-os interiormente para que dele possam fazer parte activa; repete as explicações quando não percebem; repreende os erros, incompreensões e quedas, mas nunca os abandona, oferecendo sempre uma ulterior possibilidade de reabilitação e de participação.

Mas ***uma coisa Jesus não faz***: não desce nunca o grau de elevação daquilo que propõe, no intento de ser mais popular ou de atrair um maior número de discípulos: as bem-aventuranças continuarão a ser a grande fonte de energia, tanto por aquilo que já se entrevê e experimenta, como pela consciência do incompleto e pelo desejo daquilo que resta a percorrer; o Reino será sempre um tesouro que custa o investimento de todos os recursos disponíveis; a coerência e a luz da honestidade valerão sempre mais do que um braço ou um olho; a vida só será ganha pelo preço de entregá-la; o chefe e líder será sempre o último e o servo; à ressurreição só se chega passando através da morte... e os discípulos são claramente

avisados que quem não estiver disposto a tomar a própria cruz para segui-lo, é melhor que tome outra estrada.

Através deste relacionamento amigo, claro, honesto e generoso até dar a vida, os discípulos perceberam, antes de mais, que Jesus os amava e, nele, puderam entrever a imensidade do amor de Deus e a importância do seu projecto para a humanidade; e isso fez deles anunciadores apaixonados do seu Evangelho. Este é o ***modelo por excelência da liderança e do serviço da autoridade***. Para além de motivar para as tarefas concretas e exigências da missão, cria identificação de inteligência, emoção e vontade com o projecto a desenvolver, mobilizando todas as capacidades da pessoa e dando origem a uma alegria que nem o sofrimento ou a morte podem extinguir. Os líderes das nossas comunidades não devem pretender ser pessoalmente quem motiva interiormente os irmãos/ãs para a missão, mas podem fazer muito para mediar ou obstaculizar o contacto e a identificação daqueles a quem servem com o Senhor da missão.

Este tipo de autoridade e coordenação é, além disso, o melhor caminho para ***colocar ao serviço da missão comum as qualidades de cada membro da comunidade***. Nem sempre esta meta é facilmente conseguida, sobretudo quando, como dizíamos acima, a visão personalista da missão se impõe ao bem daqueles a quem se dirige. Nestes casos, que não são nada raros, requer-se particular atenção, caridade e discernimento por parte daqueles que presidem.

- Se a obediência significa a identificação da pessoa e da comunidade com o projecto de Deus, a função do irmão/ã maior consistirá, antes de mais a de *ajudar o outro irmão/ã a entender e a aderir a essa vontade*. Esta atitude fraterna e compreensiva é fundamental para gerar uma obediência criativa, inteligente e cooperante.
- Tal *não se deve confundir com a condescendência ou conivência com a mediocridade* e o baixo nivelamento da vida. O amor fraterno e o serviço da autoridade exprimem-se também na proposta de metas desafiadoras, que ajudam os irmãos/ãs a crescerem e a superarem os próprios medos e comodismos, para poderem oferecer a vida como dom.
- Não raro, este relacionamento *pode revestir-se de contornos difíceis*, seja para quem toma decisões, como para quem as deve pôr em prática, sobretudo quando aquilo que se pede é uma missão particularmente difícil para alguém. Muito ajuda, nestes casos, se as duas partes se encontram em verdadeira atitude de fé e disponibilidade para buscar e aceitar a vontade de Deus. Nesse caso, mesmo sem perfeita unanimidade, encontrar-se-á sempre um caminho de comunhão solidária, que não impede erros de avaliação, mas que será sempre caminho de vida.
- *Por vezes, isso não será possível*, o que requer particular bom senso humano e espírito de fé. Há que avaliar os tempos necessários na vida de cada irmão, para entender a aderir ao projecto de Deus, mas também, não se pode pactuar com a injustiça, a ambiguidade e a hipocrisia, sobretudo quando estão em causa outras pessoas e a verdade da missão. Há que ter em conta, além disso, que muitos dos conflitos com a obediência provêm de pessoas que, pela própria história, traumas ou inconsistência psicológica, não são capazes de um relacionamento adulto com a autoridade e as próprias responsabilidades. Por isso, é necessários que aqueles/as que exercem o serviço da autoridade, para além de uma boa maturidade humana e espiritual, possuam pelo menos uma base de conhecimentos psicológicos e o bom senso de recorrer e deixar-se ajudar por pessoas competentes nesta área. Muitas vezes, é um erro, para não dizer uma injustiça, colocar em termos morais aquilo que não passa de uma incapacidade psicológica.

O estilo de autoridade deve, além disso, promover ***a comunhão entre aqueles que são enviados***, que é fundamental para o desenvolvimento da missão. Os missionários não são

simples elementos de uma empresa "missionária", mas auferirão grande força e conferirão enorme credibilidade àquilo que anunciam, se entre eles reinar a fraternidade própria do Evangelho. Infelizmente, entre o clero e os religiosos, desenvolvemos mais personalidades de comandantes supremos e de solistas do que gente capaz de cantar em dueto ou em coro; e este facto está na origem da maior parte dos conflitos e incompatibilidades, no interior das nossas comunidades e na organização da missão. É urgente, pois, uma formação específica para o trabalho em grupo e para a colaboração fraterna na missão, em todas as etapas da vida, mas sobretudo durante a formação inicial, atendendo a um preocupante avanço das tendências individualistas do nosso tempo, que não deixam de influenciar o pensar e actuar de muitos dos nossos jovens.

A deslocação da VC para sul, de que acima se falou, constitui uma grande oportunidade para a Igreja, mas igualmente um grande desafio para o serviço da autoridade na VC, pois, em muitos Institutos, o processo de *passagem da fase missionária à da gestão local* está a decorrer, neste momento, em várias partes do mundo. Desde que as condições o permitam, é importante conferir e autonomia a estas novas presenças missionárias, não as mantendo eternamente como apêndices dependentes das "províncias-mães". Por outro lado, é absolutamente necessário que todos tenham presente que os critérios de nacionalidade, etnia e raça não podem prevalecer sobre as reais necessidades da comunidade e do Instituto. Sobretudo devem todos interiorizar que, na comunidade religiosa, não existem estrangeiros, mas apenas irmãos e irmãs, reunidos à volta de um único Mestre e Senhor.

A dimensão universal do Evangelho que se vive na VC, assume hoje maior relevância, no contexto de mundo globalizado em que vivemos, exigindo de todos uma maior *atenção e abertura de coração à missão internacional dos próprios Institutos e da Igreja*, a começar por aqueles que têm responsabilidades na orientação das comunidades, nos seus diversos níveis de organização. Os desafios da multi-culturalidade, das migrações, da globalização e dos novos problemas de injustiça, pobreza e exclusão que os acompanham, devem encontrar nos responsáveis da VC respostas adequadas ao nosso tempo, que não são possíveis se cada um se fecha no próprio trabalho e nos próprios problemas. A colaboração inter-comunitária e inter-provincial, no interior dos próprios Institutos, mas igualmente a cooperação entre os vários Institutos e da VC com as igrejas locais e especificamente com os leigos, devem ocupar uma posição de destaque nas preocupações dos consagrados, particularmente daqueles que exercem cargos de maior responsabilidade.

### 3.4 *Parábola do poço*

Gostaria de concluir este ponto da nossa reflexão com uma parábola que expõe o valor da partilha dos dons, na comunidade, ao serviço da missão<sup>2</sup>:

*Aquele que se fecha sozinho nos seus projectos é semelhante a um homem que escavou um poço para tirar água sem depender de ninguém. Temia que outros pudessem ter acesso à sua água ou, pior ainda, interferissem de alguma maneira no seu uso. Por isso, defendia rigidamente o seu poço de todos, satisfeito da própria obra e autonomia. Um dia, enquanto contemplava orgulhoso a própria imagem no espelho do fundo do poço, caiu dentro dele e, não tendo ninguém por perto, afogou-se na sua própria obra, acabando o seu cadáver por tornar fétida e inutilizável a sua água.*

*Aquele, ao contrário, que é capaz de integrar o próprio projecto no da comunidade é semelhante a um homem que teve a ideia de escavar um poço. Estudou os poços da região; falou com os seus proprietários, e estes deram-lhe uma ajuda*

---

<sup>2</sup> Texto da carta enviada à Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, sobre o tema da autoridade, a 11 de Maio de 2008.

*preciosa na escolha do lugar e dos materiais mais apropriados, e mesmo da técnica de escavação. Uma vez pronto, ligou o seu poço à rede formada pelos poços dos vizinhos. Esta permitia recolher em conjunto, além da água dos poços de todos, também a que caía do céu e a que brotava das profundezas da terra. Assim, nunca faltava água na cidade; até sobrava para um canal, algumas vezes mais e outras vezes menos, que ia engrossar o rio da planície que banhava tantas outras cidades, antes de desaguar no grande oceano que liga todos os continentes e povos da terra.*

Infelizmente, há muitos irmãos/ãs que vivem só da água do próprio poço. Podem ser capazes de oferecê-la, mas nunca de partilhá-la verdadeiramente, juntando-a à água dos outros, ou de apreciar outras águas. São excelentes no cantar sozinhos, mas recusam-se a fazer parte do coro, para compor a harmonia e a polifonia. É muito difícil para eles admitir que outro possa dirigir a orquestra. Afogam-se lentamente na própria presunção. Insatisfeitos e frustrados, acusam a todos de não lhes darem suficiente importância ou de quererem controlar a sua individualidade... É uma pseudo-liberdade que leva inevitavelmente à frustração da existência e torna amarga a própria água. Mas também há muitos outros, que fazem da vida um dom e são gratos e felizes com o muito que recebem de Deus e dos outros. Não só pelo que oferecem, mas sobretudo pelo que vivem, continuam a ser fonte de vida, fraternidade e inspiração.

Para aplicá-la mais especificamente ao nosso tema, a parábola poderia sugerir um pequeno complemento: A rede formada pelos poços exigia coordenação, manutenção de estruturas e regras para a utilização. Disso se encarregavam algumas pessoas escolhidas por aqueles que usufruíam do sistema. A sua gestão concreta nem sempre era consensual, mas os que compreendiam o verdadeiro segredo dos poços, atribuíam-lhe um papel determinante, para além da administração diária. A sua função mostrava, em primeiro lugar, que, antes de ser de alguém, a água é um dom livre de Deus; enriquece os poços individuais e deve continuar a circular livremente noutros poços e rios, para realizar a sua razão de ser, sob pena de se tornar estagnada e imprópria para o uso.

## 4 Administradores na casa do Senhor

A última imagem desta nossa reflexão é a dos administradores que um senhor, tendo partido em viagem, deixa a administrar a própria casa, durante a sua ausência. São duas parábolas complementarmente ligadas entre si:

*Estejam apertados os vossos cintos e acesas as vossas lâmpadas. Sede semelhantes aos homens que esperam o seu senhor ao voltar da boda, para lhe abrirem a porta quando ele chegar e bater. Felizes aqueles servos a quem o senhor, quando vier, encontrar vigilantes! Em verdade vos digo: Vai cingir-se, mandará que se ponham à mesa e há-de servi-los (Lc 12,35-41).*

*Quem é, pois, o administrador fiel e sensato a quem o senhor colocou à frente dos seus servos para lhes dar, a seu tempo, a ração de trigo? Feliz o servo a quem o senhor, quando vier, encontrar procedendo assim. Em verdade vos digo que o porá à frente de todos os seus bens. Mas, se aquele administrador disser consigo mesmo: 'O meu senhor tarda em vir' e começar a espancar servos e servas, a comer, a beber e a embriagar-se, o senhor daquele servo chegará no dia em que ele menos espera e a uma hora que ele não sabe; então, pô-lo-á de parte, fazendo-o partilhar da sorte dos infiéis. O servo que, conhecendo a vontade do seu senhor, não se preparou e não agiu conforme os seus desejos, será castigado com muitos açoites. Aquele, porém, que, sem a conhecer, fez coisas dignas de açoites, apenas receberá alguns. A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito será pedido (Lc 12,42-48).*

### 4.1 A narração

O evangelista Lucas apresenta-nos, no capítulo 12 do Evangelho, duas parábolas complementares: **Na primeira**, o senhor, regressando das núpcias, encontra os servos que o esperavam vigilantes e, estranhamente, em lugar de se pôr à mesa para que eles o sirvam, fâ-los sentar a eles, cinge os rins e põe-se ele próprio a servi-los.

**Na segunda**, mais semelhante às versões dos outros sinópticos, o senhor, ao regressar, pede contas aos administradores do modo como geriram a sua casa e os seus bens e da forma como trataram os outros servos, que lhes tinham sido confiados. Louva e confirma aqueles que tinham sabido administrar bem, segundo o seu próprio estilo de tratar os membros da sua casa, mas reprova e repudia terminantemente aqueles que, em lugar de se colocarem ao serviço dos outros, abusaram deles e se apropriaram dos bens do seu senhor.

**Uma terceira parábola**, referida em Lc 17,7-10, pode ainda contribuir para a compreensão deste tema, referindo uma atitude do senhor, que parece contradizer a primeira: ao regressar do trabalho no campo, os servos não devem pretender que seja o senhor a servi-los, mas devem servi-lo primeiro a ele, sem direito a outros agradecimentos. Devem dizer, pelo contrário, que são "servos inúteis", que apenas fizeram aquilo que lhes competia.

### 4.2 As mediações comunitárias

**O significado** das duas parábolas é muito claro: a casa a administrar é a comunidade do Senhor ressuscitado. Ele está activamente presente, nos bens que providencia e no Espírito que inspira, mas não age directamente, como quando percorria os caminhos da Palestina com os seus discípulos.

A *gestão concreta da casa está confiada aos administradores*. Estes devem compreender, antes de tudo, que a casa (entende-se o património, mas também e sobretudo as pessoas) não lhes pertence. O proprietário é o seu Senhor. Além disso, têm instruções claras sobre a forma como devem administrar, os objectivos a atingir e o estilo que deve distinguir a casa do Senhor. Espera-se que eles sejam fiéis às instruções, mas que tenham igualmente imaginação e criatividade próprias, de modo a fazer render os recursos, assegurando bem-estar, segurança e futuro à casa confiada aos seus cuidados (cf. A parábola dos talentos Lc 19,11-27).

Além de mostrar claramente a responsabilidade de cada pessoa e especialmente daqueles que têm papéis de direcção na vida e organização da comunidade, as parábolas insistem sobre o *papel das mediações humanas* em toda a vida das comunidades cristãs. São um factor necessário na acção do Espírito e na encarnação da Palavra. Toda a tradição bíblica atesta que Deus tem poder para intervir, de forma extraordinária no mundo dos homens, mas as suas grandes intervenções libertadoras e transformadoras são realizadas através de pessoas que Ele chama e capacita com o dom do seu Espírito. Podemos dizer, de um modo simplista, que, normalmente, Deus não intervém directamente na transformação do mundo, mas que transforma o coração das pessoas; e pessoas de coração transformado transformam o mundo.

Daí *a importância e a consistência da dimensão humana na realização do Reino de Deus*, de que falávamos antes. O Reino não deixa de ser obra de Deus, mas colora-se com os tempos e os modos do existir e do operar dos homens. Como tal, tem todas as potencialidades da natureza humana transformada pelo Espírito, mas não deixa de estar sujeita igualmente às suas debilidades e limites. Aceitar e empenhar-se nesta realidade humano divina é o desafio que se nos coloca. Não pretendemos que a comunidade seja perfeita, mas damos o nosso contributo para que vá caminhando nessa direcção. Jesus, o homem novo, na plenitude do Espírito, em tudo igual a nós excepto no pecado, constitui um exemplo e um caminho de esperança na superação das ambivalências deste peregrinar.

*O serviço da autoridade participa desta dupla realidade*. É um instrumento de Deus na comunidade, sob o influxo do seu Espírito, mas exercido por irmãos/irmãs como cada um de nós. Inserido na mediação da Igreja e dos nossos fundadores, eles são chamados a ser uma importante presença do Espírito na vida concreta das nossas comunidades.

### **4.3 Administradores na casa do Senhor**

Àqueles que administram a sua casa, o Senhor pede, antes de mais, que *reconheçam que administram os bens do seu Senhor*. Não são patrões de ninguém e os recursos e bens que administram não são para seu serviço pessoal, mas para benefício daqueles que eles servem. Esta situação não diminui a sua importância nem a sua iniciativa. Pelo contrário, é fonte de alegria, gratidão, serenidade e liberdade, para se consagrarem, inteira e fraternalmente, à tarefa que lhes é pedida. A tradição da maior parte dos institutos de VC de limitar o tempo de permanência das mesmas pessoas em cargos de direcção ajuda a criar esta atitude de serviço, sem se apoderar das funções assumidas. Assim se torna claro que, aqueles que dirigem devem dedicar-se generosa e totalmente às suas funções, em obediência ao Dono da casa e para bem daqueles que servem; mas devem ser igualmente livres para deixarem a outros os próprios cargos e dedicar-se a outras missões ao serviço do Reino de Deus. Este espírito de serviço e de liberdade, não se aplica somente aos que presidem às comunidades, cujos mandatos são limitados pelas próprias normas dos institutos. Mais difícil de gerir é o agarrar-se indefinidamente a outros lugares e ministérios, que levam a própria pessoa a petrificar-se sem capacidade de inovação, causando grande dano àqueles de quem devia estar ao serviço. Trata-se sempre de "servir-se da própria função", em lugar de estar ao seu serviço.

Eles ***representam o Senhor da casa, mas nunca podem colocar-se em seu lugar***. Pela honestidade do próprio agir, e pelo discernimento diante de Deus e da comunidade, devem sempre poder dizer que a obediência que pedem aos outros se dirige a Deus e não a eles, mas é necessário que tenham igualmente presente que Deus está sempre para além de qualquer mediação humana da sua presença e vontade. Esta honesta e humilde confissão do próprio papel, como interpretação da vontade de Deus e busca humana sujeita a erro e má interpretação, é fundamental tanto para aquele que exerce o serviço da autoridade, como para todos os membros da comunidade. Ela evita que se caia tanto num princípio de autoridade baseado apenas numa espécie de "democrático contrato social", como também num endeusamento teocrático daqueles que exercem a autoridade na Igreja.

A ***relação entre as três parábolas*** acima referidas ajuda-nos a entender esta perspectiva básica do serviço da autoridade. Temos, na primeira parábola, um senhor que se põe a servir os servos e, nas duas seguintes, outro que os "coloca no seu lugar", para que o sirvam primeiro a ele, mostrando-se exigente na avaliação do desempenho dos administradores. Creio que não existe contradição em tudo isto, mas uma lógica interna muito importante: O Grande Senhor, vem sempre para servir. Não deixa de ser o Senhor e, por isso, cinge-se com as vestes do amor-serviço, que gera vida na sua comunidade fiel e naqueles que a dirigem. A parábola dos "servos inúteis", por seu lado, não exprime desprezo ou insensibilidade pelos servos, mas diz-lhes algo de essencial: Ai de vós, se quiserdes pôr-vos à mesa como senhores, e em lugar do vosso Senhor. Se eliminardes, da mente, do coração ou da prática da vida, o Dono da casa, impedireis que Ele venha servir-vos como Senhor. Sereis usurpadores de uma casa sem dono, de uma propriedade sem proprietário, que será prepotentemente talhada apenas à medida das vossas capacidades e limites, das vossas manias e interesses. Deixai que Deus seja Deus, na vossa vida e missão, pois àqueles que buscam prioritariamente o seu Reino, todo o resto será dado por acréscimo. Considerai-vos sempre, com verdade, como servos e tereis sempre lugar à mesa do vosso Senhor e Ele vos encherá o coração da alegria imperecível que Ele próprio sente de ter-vos ao seu serviço.

De uma forma muito prática, a parábola da avaliação dos administradores dá um breve mas vivo exemplo de boa e má administração: o autêntico serviço de providenciar para cada um os meios de vida e de missão, ou o servir-se de tudo e de todos para a sua própria comodidade, vaidade ou prazer. ***É no modo de servir os irmãos/ãs que o Senhor reconhece aqueles a quem pode confiar a sua casa***, pois da acção deles depende, em grande parte, o ambiente que nela reinará. Só serão verdadeiros administradores, se imitarem o estilo do Senhor, bom pastor que dá a vida pelo rebanho (Jo 10) e Mestre que lava os pés aos discípulos (Jo 13).

Aceitar a revolução evangélica baseada na mudança do relacionamento entre as pessoas, significa, entre outras coisas, ***não seguir a lógica de poder e protagonismo pessoal*** de que normalmente enferma a ideologia de governo, mesmo no contexto das democracias políticas. Infelizmente, tanto na Igreja como na VC, não estamos isentos desta concepção de autoridade, com a agravante de, muitas vezes, elas se apresentarem sob a capa de uma legitimação espiritual. Muitas podem ser as suas formas:

- ***Conquista e manutenção do poder***, que leva a lutas, estratégias e manipulações, para arrebatá-lo e manter o poder pessoal ou de um grupo. É evidente que estas manobras, para aceder ao poder ou mantê-lo, nada têm a ver com a noção de busca e realização da vontade de Deus, corrompendo pela base os princípios da VC.
- Felizmente vai desaparecendo o conceito de uma ***autoridade suprema e indiscutível***, que dispõe dos irmãos/ãs como peças de xadrez, abolindo o ambiente de fraternidade e de participação. Uma forma desta "arbitrariedade piedosa" é a invocação de uma inspiração do Espírito Santo para justificar a tomada de decisões sem consultar

ninguém. Hoje, esta pretensão de ligação exclusiva com o Espírito não é prerrogativa somente dos superiores/as, pois não é raro que o "espírito profético" seja evocado para justificar as opções individuais. É espantoso como alguém, que não se preocupa nada em escutar os irmãos/ãs, que é o meio mais habitual pelo qual se manifesta a vontade de Deus, pode ser apodíctico na imposição da própria vontade, dando-lhe, ademais, um carácter sagrado! Dessa têmpera eram os que, em nome de Deus, recusaram Jesus e determinaram a sua morte.

- Não é raro encontrar exemplos de uma autoridade *étnico-grupista*, que assume o poder e o mantém sempre no interior do mesmo grupo, seja de idade, de origem ou de etnia. O resultado é a divisão da comunidade e a impossibilidade de colaboração e de missão comum. Num mundo em que, a par da globalização, se revelam nacionalismos e tribalismos/regionalismos violentos, esta perversão da autoridade constitui uma gravíssima traição ao Evangelho e um perigoso atentado à universalidade da Igreja e da VC.
- Uma forma suave e insidiosa de manter o poder absoluto é corromper os irmãos/ãs com uma atitude *paternalista e infantilizadora*, em que o superior/a, se considera detentor de benesses que vai distribuindo aos seus devotos/as; uma espécie de padrinho que recompensa quem vem ao beija-mão. As suas conseqüências são danosas para a vida comunitária e para as pessoas, gerando um clima de bajulação, nepotismo e injustiça, por vezes sob a capa de manter a harmonia e a paz na comunidade. Por detrás está a promoção de um culto da personalidade, não raro abundantemente untado de muita "unção espiritual".
- Mas a autoridade pode pecar gravemente contra a comunidade, pela *ausência ou comodismo* de não assumir o próprio papel e nunca decidir nem orientar. Mesmo que se apresente sob a capa de uma falsa democracia (aqui somos todos adultos... não precisamos de tutores...), esta realidade é marcada pelo desejo de evitar trabalhos e melindres: chamar a atenção a uma pessoa ou comunidade, pôr em causa mordomias e coutadas instituídos. A estes é preciso recordar a admoção do profeta Ezequiel: "Filho do homem, eu te coloquei como sentinela na casa de Israel... se o ímpio morrer, porque tu não falaste, pedir-te-ei contas da sua vida" (cf. Ez 3,17s). Outra forma de corporativismo absentista é eleger um superior que prima por esta atitude de ausência ou tolerância, para que "não faça ondas" e cada um faça o que quiser. Este vazio de autoridade não é nada raro nos nossos dias, pois serve muito bem um estilo de comunidade individualista, cujos membros, requerem apenas um "superior-sinaleiro", numa casa, que é mais um cruzamento que um lugar de estar e de partilhar vida e missão. Ele deve dirigir o tráfego, para evitar choques, mas não deve interferir no percurso de cada um.

Jesus atribui grande importância ao desempenho deste serviço na comunidade e, quando surgem entre os discípulos lutas pelo poder, Ele corta radicalmente a discussão: "**Não pode ser assim entre vós**... pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate pela multidão" (cf. Mc 10,41-45). A nossa reflexão tem apontado muitos destes pontos, que devem constar da meditação e da formação pessoal e comunitária. Entre eles, podemos destacar alguns traços para o bom exercício da autoridade:

- Assumir-se como *servo a quem o Senhor confiou a tarefa de administrar*, segundo o Seu próprio estilo de liderança, em favor da sua comunidade. Mas *não deixar de ser irmão/ã*, na casa e no círculo dos que escutam a sua voz.
- Manter a *fidelidade ao Senhor e ao seu projecto*, segundo o Evangelho e o próprio carisma, em relação a si próprio e à comunidade, *aliada à própria iniciativa e*

*criatividade*, para fazer face aos desafios do nosso tempo. As duas dimensões exigem competência, formação espiritual e técnica e uma grande abertura para se deixar ajudar e assessorar.

- *Partilhar a responsabilidade* com a comunidade, particularmente com os mais directos colaboradores, *sem se demitir do próprio papel* de coordenar, orientar e decidir, o mais possível fomentando o consenso e a compreensão/aceitação, de modo que todos possam aderir consciente e criativamente à missão da comunidade.
- *Ser ponto de referência na promoção da comunhão e fraternidade*, mas *sem procurar unanimidades apressadas*, que não sejam baseadas na verdade, na justiça e na fidelidade ao Evangelho e ao próprio carisma. Frequentemente esta função deve ter o papel de mediação e reconciliação entre os irmãos/ãs, à luz dos princípios da vida e missão comuns.
- *Coordenar a missão da comunidade*, promovendo os dons de cada um e a sua inserção nos projectos comuns, com sensibilidade à realidade de cada irmão/ã, mas desafiando-o/a igualmente ao dom de si mesmo e à superação dos próprios medos e comodismos.
- *Assumir a responsabilidade última pela administração dos bens*, embora não deva ser o seu gestor directo. A comunhão dos bens, segundo as tradições e normas de cada Instituto, é o primeiro e fundamental nível de partilha na VC. Se não somos capazes de partilhar ao nível dos bens materiais, como o faremos nos outros níveis da comunhão espiritual e pastoral? Os Superiores/as e Ecónomos/as não são donos dos bens que a Providência coloca ao serviço da vida e missão, mas a comunidade. A gestão fraterna desses recursos rege-se, pois, pelos princípios de informação, participação e co-responsabilidade, nos diversos níveis de administração. Ocultar informação à comunidade e não lhe dar ocasião de analisar e opinar em matéria económica é imitar o estilo das manipulações de tantas instituições públicas, que estão bem cientes de que quem detém o dinheiro detém o poder. Entre nós, não pode ser assim! A questão do pão e dos bens nunca pode ser de uma pessoa só. No contexto comunitário sério e transparente, é mais fácil evitar a injustiça, o clientelismo nepotista, bem como o infantilismo irresponsável, que, infelizmente, não são raros na VC. Nesse contexto se há-de cultivar igualmente a liberdade em relação ao instinto de posse e de comodismo, o verdadeiro espírito de pobreza, de comunhão inter-comunitária e de solidariedade para com os pobres de perto e de longe, que se apresentam como desafios à boa gestão dos bens.
- Desempenhar o papel de *promoção da comunhão a nível do Instituto e da Igreja*. É uma tarefa de todos, mas que tem no serviço da autoridade uma coluna fundamental, seja na informação e dinamização da comunidade, seja na representação desta no exterior.
- Promover a *abertura da comunidade ao seu ambiente*, com sensibilidade às necessidades locais e o testemunho da própria vida. Para que a comunidade seja realmente missionária, não deve manter-se como ilha no meio do oceano, mas como fermento e sal, a partir do próprio carisma e missão. Neste contexto, a colaboração com os leigos assume, como dizíamos antes, um papel novo na comunicação do nosso carisma e na promoção da missão.

#### **4.4 Atitudes: disponíveis, para servir**

À luz desta última imagem e de toda esta reflexão que fizemos, a primeira atitude de quem está num papel de autoridade há-de ser a de ***assumir-se como servo/a de Deus ao serviço da comunidade***.

- Essa atitude comporta, antes de mais, a *comunhão pessoal com o Senhor da própria vida, vocação e missão*, através da oração de escuta, de discernimento, de deixar-se plasmar. A insistência e o tempo que dedicados a esta referência existencial são uma exigência da nossa necessidade de silêncio e acolhimento para escutar e entender as "razões de Deus", mais do que para lhe expormos as nossas. A oração não é um gabinete de informações para bem gerir, mas um diálogo/escuta que leva a olhar a vida com os olhos de Deus, para poder agir segundo o seu estilo. Esta atitude fundamental de todo o crente assume particular importância na vida e missão daqueles que, em seu nome, têm papel de orientação da sua casa.
- *Rezar com a comunidade*, é expressão e escola do real papel do irmão mais velho, que tem o papel de convocar os irmãos/ãs à volta do único Senhor e Mestre. *Rezar pela comunidade* é assumir a mesma atitude de Jesus que, tendo feito tudo pelos discípulos, os confia sempre e em última análise, às mãos do Pai, pois sabe que tudo depende dele. "*Rezar a comunidade*" significa passar cada irmão/irmã pela própria mente e coração, diante do Senhor. Assim se aprende a pensar, sentir e actuar em relação a ele/a com a mente e o coração de Deus.
- Quem preside a uma comunidade consagrada, não pode demitir-se do papel de *promotor da escuta de Deus*, a começar pela própria organização do ritmo de vida comunitária, da oração comum, da "lectio divina", da partilha, formação e estudo. Velar pelo bem dos irmãos/ãs começa por este base fundamental que alimenta a vida pessoal e a missão de cada um e da comunidade.

Fundamental para não desvirtuar o sentido do serviço da autoridade é o ***considerar-se sempre como irmão/ã na comunidade***: ser irmão sem se demitir das próprias funções de orientação e decisão; organizar e dirigir, sem deixar de ser fraterno e amigo.

- O serviço da autoridade há-de começar por uma atitude de *respeito, justiça e estima para com os irmãos/ãs*. É necessário ser realista e saber observar, analisar e também avaliar comportamentos e atitudes; mas é fundamental purificar os olhos e o coração dos preconceitos e etiquetas que determinam o modo de ver, seja idealizando-o, seja diabolizando-o. Para além de escutar o parecer de outros sobre os irmãos/ãs, o "rezar as pessoas", de que antes se falava, assume uma particular importância nesta purificação do olhar para apreciar aqueles que nos rodeiam.
- Uma das grandes funções de quem preside há-de ser *a escuta dos irmãos/ãs*, que há-de ter lugar prioritário na ordenação do seu tempo. É uma atitude de atenção, antes de mais, à própria pessoa, àquilo que vive e sente, que a entusiasma ou faz sofrer. O diálogo deve ser de escuta, discernimento e eventualmente de correcção, mas deve sempre revestir-se da misericórdia, estímulo e desafio, que façam reconhecer o estilo do próprio Senhor.
- Esta atenção personalizada é particularmente importante para com *os irmãos/ãs mais frágeis*, seja por razões de saúde, de crise interna, de dificuldades temperamentais ou de isolamento. Em razão da sua situação, estes devem sentir o interesse, solidariedade e encorajamento que, na medida do possível, os ajude a superar as próprias dificuldades, em fraternidade e esperança. Os jovens que iniciam o seu caminho de consagração merecem igualmente uma atenção especial, não apenas para estimulá-los na estrada do aprofundamento do sentido da vida, da coerência e da esperança, mas também para escutar, da parte deles, os anseios, perspectivas e contributos que a nova geração pode trazer às nossas comunidades.
- Para promover a comunhão e a reconciliação entre os irmãos, quem preside deve esforçar-se por criar à sua volta um *ambiente de fraterna estima*, que muito ajuda ao

desenvolvimento do espírito de família e ao apreço pelo serviço da autoridade. Tal não se deve confundir, porém, com a busca da adulação e do culto da personalidade. Sem recusar, por falsa humildade, a estima e amizade dos outros, quem exerce o serviço da autoridade nunca deve perder de vista quem é o verdadeiro Senhor da casa que declara aos seus discípulos: "Eu estou no meio de vós como aquele que serve" (Lc 22,27).

Para o bom andamento da vida e da missão da comunidade é necessário um *fraterno e eficiente serviço da autoridade*.

- Por isso, que preside, *não há-de ter medo de assumir* o papel de preparar, organizar, orientar, decidir. Não decidir por medo de errar, é erro seguro. Muitas vezes, não é nada cómodo presidir e sentir que se deve fazer frente às situações da comunidade, sem outros que, a nível superior, assumam a responsabilidade das decisões e tomem as iniciativas necessárias para o bem de todos. Mas é um serviço imprescindível, que se deve assumir com humildade e realismo, contando com a ajuda de Deus e dos outros membros da comunidade.
- Quem preside a uma comunidade de VC não é um simples representante da "vontade popular" daqueles que serve, mas tem uma *função de administrar em nome do Senhor da casa*. É o primeiro responsável pela fidelidade ao Evangelho e ao próprio carisma e nessa direcção deve ajudar a todos a caminhar, sem nunca se apresentar como único detentor da verdade.
- Por isso, há-de *saber partilhar responsabilidades, problemas, informações e projectos* de modo a motivar os outros e criar comunhão para a missão comum. Assim encontrará, nas opiniões e nos contributos dos outros, apoio e segurança nas decisões a tomar e fará do seu serviço um centro de unidade e de vitalidade missionária da comunidade.
- A *humildade* necessária para o exercício da autoridade não consiste em fazer confissões públicas de incapacidade para o cargo, aceite " só após muita insistência e com muito sacrifício". A humildade dos "servos inúteis" da parábola não está em dizer que não sabem ou não são dignos daquilo que se lhes pede. O que o Senhor requer deles é que ponham ao serviço aquilo que são, sabem e podem, Mais nada! Ser humilde no serviço da autoridade não é uma questão de declarações; traduz-se em atitudes concretas de quem se sabe fraco, duvidoso, e impreparado e, por isso, não se cansa de pedir a ajuda de Deus e dos que o rodeiam, esforçando-se por suprir os próprios limites com o estudo, o trabalho e a dedicação completa àquilo que lhe é pedido. Com estes humildes, Deus faz grandes coisas!
- Apesar de todas as boas disposições e esforços, *ninguém está ao abrigo de errar* e de sofrer o receio, o peso e, tantas vezes, a mágoa das próprias decisões, sobretudo quando outros sofrem as suas consequências. É importante integrar também este importante elemento dentro da própria vida de serviço, sem deixar-se cair na frustração e no desânimo, mas tão-pouco na insensibilidade irresponsável ou na defesa de erros indefensáveis. A honestidade perante Deus e a comunidade comporta também o reconhecimento dos erros e de deficientes avaliações. Com essas disposições, Deus pode até escrever direito por linhas tortas.

Gostaria de mencionar ainda *duas atitudes a evitar*, na forma de entender-se ao serviço dos outros como autoridade:

- Não cair na sedutora atracção do *"vitimismo" da autoridade*, que leva a pessoa a sentir-se, e sobretudo a dar a impressão, de estar a ser esmagada pelo peso da responsabilidade, qual Hércules com a gravosa tarefa de levar às costas o globo terrestre. Frequentemente esta atitude, para além de dar origem a muitas úlceras na própria pessoa e naqueles que a rodeiam, serve de muro para afastar reparos e críticas,

encerrando quem manda num mórbido isolamento. Mas sobretudo impede que se crie um clima de liberdade, participação e alegria, que devem caracterizar o serviço na casa do Grande Senhor.

- Uma outra ideia frequentemente transmitida é a da *solidão da autoridade*. Não é um sentimento irrealista e há, sem dúvida, uma solidão necessária e enobrecedora em cada pessoa, que lhe permite interiorizar, meditar e tomar as próprias decisões, de modo autónomo, responsável e pessoal. Mas não façamos desta solidão a trágica afirmação de um isolacionismo autoritário. Se crescem as responsabilidades, deve crescer também a colaboração, a partilha e a co-responsabilidade e sobretudo a confiança na presença de Deus e do seu Espírito.

E *três atitudes fundamentais*, correndo embora o risco de repetir quanto já foi dito sobre o tema:

- Quem preside deve ser *gerador de fidelidade, fraternidade, alegria e esperança*. Deve ser realista na análise dos problemas e dificuldades, mas igualmente confiante na presença e na acção renovadora do Espírito. A esperança deve, porém, ser transformada em estratégia concreta de pequenos passos que levem à transformação da realidade.
- *O amor é a suprema lei do agir*, particularmente no desempenho da autoridade. Todos os planos, apreciações, estratégias e acções têm de tê-lo como princípio supremo, tanto no relacionamento com os membros da comunidade como no desenvolvimento da missão.
- *Abandonar-se nas mãos de Deus*. Se fomos chamados para exercer esta função, de uma coisa podemos estar absolutamente certos: Deus não faltará com a sua presença e ajuda. Depois de termos feito tudo o que é possível, contando com as nossas falhas e limites, mas igualmente com a colaboração dos irmãos/ãs, há que confiar ao Grande Senhor da casa a comunidade que servimos e a nossa própria pessoa. Então sentir-nos-emos livres para dedicar ao serviço da nossa missão tudo o que temos e somos, com serena e operante alegria, até entregar a própria vida, nas mãos do Pai que no-la deu.

Tudo isto tem um caminho e um modelo na própria pessoa de Jesus, que continua a convidar: *Vinde a mim, vós todos que andais cansados e afadigados e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração* (Mt 11,29).

Concluo com uma parábola sobre a atitude de vigilante e criadora esperança que nos deve acompanhar na escuta do Espírito e na busca de novos caminhos para a Igreja e a VC dos nossos dias<sup>3</sup>.

### ***O regresso do pastor***

*Um grande senhor tinha um numeroso e fecundo rebanho. Tendo organizado e providenciado pastores para cuidarem das ovelhas, viajou para outras paragens a tratar de outros rebanhos.*

*Um dia voltou e foi inteirar-se do seu primeiro rebanho. Viu que tinham substituído a cerca de madeira tosca do antigo redil por um grande e elegante muro bem decorado, criado novas e mais cómodas instalações, estruturado e automatizado os cuidados das ovelhas, para que nada faltasse e até tinham exportado o modelo para outras terras, onde tinha conhecido sucesso. Mas, abrindo o pesado e solene portão, o senhor encontrou o recinto meio vazio. No andar superior, um grupo de pastores, muito nervosos, discutia as razões e soluções da crise, enquanto, em baixo, no amplo pátio, outros pastores se afadigavam com toda a sorte de*

---

<sup>3</sup> Apresentada no Congresso missionário nacional, em Fátima, 3-7 de Setembro de 2008.

*estruturas e serviços, ajudados por umas ovelhas, a maioria de idade avançada, que baliavam o melhor que sabiam, para animar um grupo de cordeirinhos, sempre de olho posto na porta.*

*Foi ter com eles e perguntou-lhes:*

*— Onde estão os outros? E vocês, porque razão não se foram também embora?*

*Alguns reconheceram-no e, com um misto de saudade, alegria e nova esperança, responderam:*

*— Estávamos à espera; sabíamos que havias de voltar.*

*Ele olhou-os com carinho e, no seu coração, passou o nome de cada um deles, porque os conhecia a todos. Depois, chamou os pastores, juntamente com as ovelhas e criticou a sua timidez e falta de iniciativa, ao mesmo tempo que lhes infundia novo ânimo:*

*— Não vêem que esses muros e essas estruturas, que tanto vos dão a ideia de segurança força e comodidade, impedem que a voz do pastor e o balir das ovelhas de dentro chegue às que estão lá fora e que vocês mesmos se dêem conta do que se passa no resto do mundo? Saiam daí; venham comigo; abram essas portas!*

*Quando abriram, o grupo estremeceu, sacudido por uma forte rajada de vento, que trazia odores e convites de outros campos e de outras cidades. Alguns ainda objectaram que eram poucos, mas ele respondeu:*

*— No meu primeiríssimo rebanho eram muito menos. Nenhum rebanho é pequeno se segue o bom pastor que lhe dá vida. Vocês, pastores, gritem bem alto o meu pregão, mas façam igualmente coro com as ovelhas. Façam ouvir, juntos, o vosso canto, dizendo que estou de volta. Outros hão-de escutar e querer juntar a sua à vossa voz.*

*E foram pelos caminhos e praças, gritando e balindo, à procura das ovelhas que se tinham perdido e de outras que nunca sequer tinham ouvido aquela música.*

*Com surpresa, foram-se dando conta que, aqui e ali, havia grupos que cantavam partes das melodias de sempre do rebanho, embora nem soubessem da sua origem e, por vezes, tivessem introduzido variações, algumas mais apropriadas que outras. E começaram a verificar que, sem perder a entoação original, era possível fazer novos coros e compor novas melodias, que curavam feridas do corpo e da alma e infundiam alegria, força e esperança no coração da gente.*